



- Leitor crítico — Jovem Adulto
- Leitor crítico — 7ª e 8ª séries
- Leitor fluente — 5ª e 6ª séries

JOEL RUFINO DOS SANTOS

O barbeiro e o judeu da prestação
contra o sargento da motocicleta

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações inter-

personais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



JOEL RUFINO DOS SANTOS

O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Nascido no Rio de Janeiro, em 1941, filho de pais pernambucanos, Joel Rufino dos Santos viveu cerca de dez anos em São Paulo.

Historiador de origem, durante anos lecionou em cursinhos preparatórios para vestibular, retornando à Universidade Federal do Rio de Janeiro com a anistia aos cassados pelo regime militar (1978), onde lecionou Literatura Brasileira por mais de vinte anos. Foi exilado na Bolívia e no Chile. Publicou mais de cinquenta livros, entre eles: *Quem fez a República*; *O dia em que o povo ganhou*; *História política do futebol brasileiro*; *Zumbi*; *Paulo e Virgínia: o esotérico e o literário na atualidade brasileira*; e *Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres* (ensaios de História); *Crônica de indomáveis delírios*; e *Abolição* (romance); *Quatro dias de rebelião*; e *Ipupiara* (romance juvenil); *O curumim que virou gigante*; *A botija de ouro*; *Uma estranha aventura em Talalai*; *Marinho, o marinheiro e outras histórias*; *O noivo da cutia*; *Duas histórias muito engraçadas*; *Gosto de África*; *O soldado que não era*; e *Vida e morte da onça-gente* (literatura infanto-juvenil). Por sua obra literária, recebeu inúmeros prêmios.

RESENHA

Em tempos de ditadura, um boato deixa o Morro da Mineira em polvorosa: o menino Albino espalha por toda a cidade que Isaque, o judeu, possui um pedaço do sabão feito de seus pais, que teriam sido assassinados pelos nazistas. Existe sabão feito de gente? Mesmo tendo ouvido falar dos horrores da guerra, a cidade toda desconfia. O judeu, por sua vez, deixa claro que não faz nada de graça: só irá mostrar o sabão de seus pais no dia em que a cidade toda pagar as prestações que deve — coisa que está longe de acontecer. Não há quem não tome posição: no início, a maioria não acredita na história, mas a coisa muda de figura quando o barbeiro da região, dono da barbearia Stalingrado, afirma já ter visto, com seus próprios olhos, o tal sabão. A partir de então, a confusão só aumenta: um caderno esquecido no chão da barbearia leva o barbeiro a cogitar que o judeu seja o verdadeiro inventor da bomba atômica. Suas especulações, intercaladas com manifestações de simpatia ao regime comunista, acabam por fazer com que o barbeiro arrume encrenca com o autoritário sargento da motocicleta que não hesita em mandar prendê-lo. A Polícia Especial,

porém, não é lá muito afeita a delicadezas, e o barbeiro não é liberado sem antes receber uma surra das mais violentas. A guerra entre o barbeiro e o sargento se acirra até o ponto em que ambos concluem que a cidade é pequena demais para os dois. Fica decidido que uma aposta resolverá a questão: se o judeu mostrar o sabão, o sargento vai embora; se não mostrar, vai o barbeiro. Resta saber se a cidade toda vai encontrar um modo de pagar as prestações...

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Joel Rufino dos Santos constrói sua narrativa de maneira muito livre, recriando os divertidos costumes de tipos bastante comuns na sociedade brasileira de algum tempo atrás (o autor dedica seu livro aos amigos *do tempo em que havia judeus da prestação e barbeiros trotskistas*). Seu texto é econômico em descrições de cenário e de personagens — o narrador fala deles ao leitor como quem fala de velhos conhecidos, que não necessitam de mais apresentações. O texto compõe-se basicamente de diálogos, nos quais os personagens deixam-se reconhecer pelas próprias palavras — a narração só informa aquilo que é absolutamente necessário.

A opção pelo diálogo, além de conferir ao texto um tom mais direto e coloquial, que prescinde de metáforas e termos elevados, adequa-se perfeitamente ao teor da narrativa: trata-se de uma história em que os principais acontecimentos são motivados não por ações e fatos objetivos, mas, sim, por boatos, pela rede de comentários que vai se espalhando pela região. Os personagens não são desenhados de modo psicológico, não são tomados por desejos contraditórios e angústias existenciais — são, isso sim, tipos sociais característicos: é seu caráter plano que lhes confere sua graça.

O autor aborda temas espinhosos como o nazismo, a ditadura e a intolerância religiosa de modo absolutamente leve e descomprometido, sem em momento algum resvalar para o sentimentalismo e o politicamente correto. Em vez de buscar

neutralizar conflitos, o autor brinca com os estereótipos, permitindo-se até mesmo uma dose considerável de humor negro. Trata-se de uma narrativa saborosa e leve, que não prescinde de certo sarcasmo ao optar por divertir e ironizar em vez de pregar lições.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: novela

Palavras-chave: judaísmo, nazismo, ditadura, comunismo, intolerância

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História

Temas transversais: Pluralidade cultural

Público-alvo: alunos da 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Leia com seus alunos a quarta capa do livro, que já antecipa o período no qual se passa a história, logo após o final da Segunda Guerra Mundial. Converse um pouco com seus alunos sobre essa guerra — o que eles sabem sobre ela?

2. Verifique se eles têm alguma idéia sobre a situação do país no período pós-guerra. Talvez seja importante fazer alguns esclarecimentos iniciais a respeito da ditadura de Getúlio Vargas para que possam compreender melhor o enredo.

Durante a leitura

1. Estimule-os a verificar, à medida que lêem, se algumas das hipóteses traçadas por eles se confirmam. Por outro lado, é possível que a narrativa transcorra de modo completamente diverso do que esperavam. Quais passagens do livro os surpreenderam?

2. No interessante projeto gráfico de Weberson Santiago, a primeira página de cada um dos capítulos apresenta um *trailer* visual à moda das histórias em quadrinhos.

Chame a atenção dos alunos para esse fato, e desafie-os a, em cada novo capítulo, prestar atenção nas imagens de abertura e tentar fazer suas próprias especulações a respeito do que está por vir.

3. Peça a eles que atentem para os momentos em que o livro se refere à situação histórica do país.

Depois da leitura

◆ nas tramas do texto

1. Talvez uma boa parte dos alunos se surpreenda ou se frustre com o final do livro, que numa primeira leitura pode parecer um tanto brusco. Veja se eles percebem que, embora sucinto, o final é muito claro: o sorriso aberto do barbeiro não deixa dúvidas.

2. Ao deixar o final em suspenso, sem mais descrições, o autor abre espaço para a imaginação do leitor, afinal, a partir dessa pequena informação — o sorriso do barbeiro — tudo pode ser deduzido. Proponha aos alunos que se dividam em duplas e que cada dupla escreva sua continuação do final da história, esmiuçando tudo aquilo que puderem imaginar que aconteceu depois. Os finais criados pelos alunos provavelmente serão divertidos. Uma vez terminada a tarefa, proponha que cada dupla leia seu texto para a classe.

3. Como o texto do livro é escrito predominantemente na forma de diálogos, seus capítulos estão praticamente prontos para ser transformados em cenas de teatro. Peça aos alunos que se dividam em pequenos grupos e escolham um capítulo de sua preferência para encenar.

4. O livro de Joel Rufino dos Santos é repleto de referências históricas. Para compreendê-lo mais profundamente, seria interessante realizar uma pesquisa sobre os temas apresentados. Divida a turma em quatro

grandes grupos e encarregue cada grupo de pesquisar um dos temas que se colocam no livro: o período Getúlio Vargas, o holocausto nazista, o fascismo e o comunismo. Converse com o professor de História para que ele auxilie os alunos em sua pesquisa, esclarecendo possíveis dúvidas que possam surgir.

5. Após a apresentação da pesquisa, peça aos alunos que voltem ao livro para verificar os elementos históricos que se fazem presentes na narrativa. Converse com eles sobre o modo como sua compreensão da narrativa se modificou depois de feita a pesquisa. Talvez seus alunos identifiquem momentos de humor que tenham passado despercebidos, como aqueles que envolvem o papagaio do barbeiro, que tem o nome sugestivo de Trotsky.

6. Ao construir o personagem Isaque, o autor brinca, de modo irônico, com o estereótipo clássico da figura do judeu, muito presente tanto na literatura ocidental quanto em piadas jocosas que se ouvem na comunidade. Trata-se do avarento incorrigível, obcecado por dinheiro, que nunca perdoa uma dívida e usa de esperteza para descobrir meios de extorquir os outros. Seria interessante propor aos alunos a leitura de dois textos clássicos em que o estereótipo do judeu aparece de forma bastante violenta, que reproduzem a imagem por muito tempo compartilhada pelo senso comum, mas que hoje nos soam inequivocamente como preconceituosa. Sugerimos a leitura de duas peças de teatro: *Auto da barca do Inferno*, de Gil Vicente, e *O mercador de Veneza*, de William Shakespeare.

7. Para contrapor essa imagem pouco favorável do judeu, sugerimos uma outra leitura, que apresenta o revés da moeda, oferecendo a outro personagem judeu de uma obra clássica da literatura a oportunidade de justificar-se: *Fagin, O judeu*, de Will Eisner. Trata-se de uma *graphic novel* publicada pela Companhia das Letras na qual esse mestre dos quadrinhos recria a

história de David Copperfield, de Charles Dickens, por meio da perspectiva do judeu Fagin, desmontando a visão preconceituosa compartilhada por muitos e investigando suas causas.

8. Após a discussão, que tal oferecer ao judeu de *Auto da barca do Inferno* e ao Shylock de *O mercador de Veneza* a oportunidade de justificar-se? Peça aos alunos que escolham um dos dois personagens para recontar a história da peça sob sua perspectiva, de modo semelhante ao que fez Will Eisner. Deixe que eles dêem livre vazão à sua criatividade, modificando e acrescentando fatos do modo que desejarem.

9. Depois de construir sua narrativa com palavras, que tal concretizá-la por meio de imagens? Proponha aos alunos que, à maneira do ilustrador Weberson Santiago, criem um pequeno *trailer* em quadrinhos para suas histórias. Para ajudá-los na tarefa, converse um pouco com eles sobre as características indispensáveis de um *trailer*: ele deve instigar o leitor, mas não revelar as surpresas da história; deve retratar situações impactantes, mas não as soluções dos conflitos, criando uma atmosfera de mistério e curiosidade.

◆ nas telas do cinema

O trem da vida, dirigido por Radu Mihailianu, trata do tema do Holocausto de forma cômica e fantasiosa, sem contudo resvalar para uma simplificação do tema. O filme mostra os habitantes de uma

pequena vila de judeus na Europa que, durante a Segunda Guerra, constroem um falso trem de deportação nazista para fugir para a Palestina. Distribuição: Versátil Home Video.

DICAS DE LEITURA

► do mesmo autor

Uma estranha aventura em Talalai — São Paulo, Global

Crônica de indomáveis delírios — Rio de Janeiro, Rocco

Vida e morte da onça-gente — São Paulo, Moderna

O soldado que não era — São Paulo, Moderna

► leitura de desafio

Para dialogar com a divertida narrativa de Joel Rufino dos Santos, nada melhor do que a obra de Antônio de Alcântara Machado, um dos principais representantes da busca modernista para abrir espaço na literatura para a linguagem coloquial. Naquela que é uma de suas principais obras, *Brás, Bexiga e Barra Funda*, publicada pela editora Moderna, o autor retrata, em seus pequenos contos, situações típicas do cotidiano da cidade de São Paulo no início do século numa escritura que privilegia o diálogo e as expressões populares. Com momentos às vezes trágicos, às vezes cômicos, Alcântara Machado nos permite revisitar personagens dos tempos remotos de uma cidade que cresceu depressa demais.